

Editorial 133 - A Balança de Pagamentos no 1.º Semestre de 2025: abrandamento nas exportações e desafios na importação

Por: Agostinho Mateus

No primeiro semestre de 2025, a economia angolana registou um abrandamento significativo na balança de bens e serviços, refletindo tanto desafios conjunturais quanto questões estruturais. O desempenho externo indica perda de dinamismo nas exportações líquidas e pressões persistentes sobre a conta corrente, ainda que o país continue a apresentar saldo positivo.

Usaremos a comparação do 1.º Semestre de 2025 com o 1.º Semestre de 2024, a que chamaremos variação acumulada, e do 2.º Trimestre de 2025 com o 2.º Trimestre de 2024, a que chamaremos variação trimestral. A variação acumulada mostra uma tendência de fundo, mas consolidada; a variação trimestral pode mostrar alterações da tendência ou simples correcções trimestrais.

Balança de bens e serviços

O excedente da balança comercial totalizou 3,9 mil milhões de USD, com uma variação acumulada de -48% e -54% trimestral, representando o valor absoluto mais baixo desde o 1.º semestre de 2023. A balança de bens, principal componente do excedente, caiu 34% face ao semestre homólogo, fixando-se em 7,9 mil milhões USD.

A balança de serviços apresentou um saldo negativo de 3,9 mil milhões USD, embora tenha melhorado 10% face ao semestre e trimestre homólogos, refletindo uma ligeira redução das saídas líquidas de serviços. O resultado combinado evidencia uma perda de vigor nas exportações líquidas e reforça a necessidade de diversificação da economia.

Balança não-petrolífera

O saldo da balança não-petrolífera manteve-se negativo em 7,6 mil milhões USD, agravando-se 12% em acumulado e 15% face ao trimestre homólogo, refletindo forte dependência das importações.

As exportações não-petrolíferas atingiram 1,2 mil milhões USD (+5% em acumulado), enquanto as importações subiram 11%, para 8,8 mil milhões USD, reduzindo a taxa de cobertura de 13,9% para 13,1%.

Exportações por categoria

As exportações totais caíram para 15.196 milhões USD (-17,5% acumulado), com destaque para a redução das exportações petrolíferas (-18,9%). O gás natural e os refinados apresentaram crescimento, enquanto os diamantes brutos cresceram 14,4% e outros bens e serviços recuaram 12%.

O petróleo bruto representou 80,6% das exportações, seguido do gás natural (10,1%), diamantes brutos (5,3%) e refinados (1,7%). O recuo do petróleo decorreu tanto da diminuição de preços médios (-14%) quanto de volumes exportados (-11%). Em

contraste, o gás natural (+46,7%) e os refinados (+4,8%) mitigaram parcialmente a queda do setor.

Os diamantes brutos registaram um aumento de 99,1% no volume exportado com a nova mina de Luele, mas o preço médio caiu 42,5%, refletindo condições menos favoráveis e menor qualidade de alguns lotes, do que resultou um crescimento em valor de apenas 14,4%.

Os outros bens e serviços representaram apenas 2,3% do total exportado com 1,7% nos bens e 0,5% nos serviços. A exportação de bens não petrolíferos ou diamantíferos decresceu 20,6%, com quedas em todos os itens, sem qualquer exceção, que variaram entre -2,8%, nas máquinas e equipamentos (sobretudo reexportações) e -53,9% nos minerais e minérios, o que é muito preocupante!

As exportações de serviços cresceram 39,2% graças à rubrica “outros serviços” que não é devidamente explicada pelo BNA. De qualquer forma representou apenas 78 milhões em acumulado.

Importações de bens e serviços

As importações totais aumentaram 3,7%, impulsionadas por bens de consumo intermédio (+29,6%) e bens de capital (+28,5%). Por outro lado, combustíveis (-22,7%) e serviços às petrolíferas (-29,0%) recuaram.

O aumento nas importações de bens de capital e consumo intermédio evidencia maior investimento produtivo. A redução dos combustíveis ficou a dever-se à queda dos preços nos mercados internacionais, enquanto a redução dos serviços às petrolíferas reflecte a quebra da actividade no sector, o nos preocupa.

Rendimentos primários e secundários

A balança de rendimentos primários registou um défice de 2,9 mil milhões USD (-24,2%), com redução de saídas líquidas de lucros e juros. A balança de rendimentos secundários apresentou um défice de 257 milhões USD (+106,8%).

Os lucros e juros remetidos por investidores estrangeiros caíram 21,5%, e tiveram uma queda de 6,0% para 4,4% do investimento externo. Se, por um lado, melhora a balança de transferências no curto prazo, por outro, reduz a balança comercial devido à quebra de actividade, com um saldo global muito negativo para a economia angolana. Os rendimentos repatriados por Angola cresceram 23,3%, mas representaram apenas 386 milhões em acumulado (contra 3.092 milhões das transferências para o exterior), correspondentes a apenas 0,7% dos investimentos de Angola no exterior.

Conta corrente

A conta corrente manteve saldo positivo de 834 milhões USD, mas com uma queda de 77% face a 2024, refletindo forte desaceleração da balança comercial e pressão de importações e transferências.

Posição externa

O investimento angolano no exterior, excluindo reservas, subiu 6% para 36,7 mil milhões USD, principalmente em moeda, depósitos e créditos comerciais, enquanto o investimento estrangeiro em Angola cresceu 8,8%, para 70,4 mil milhões USD, destacando-se empréstimos externos e investimento directo.

A evolução evidencia fragilidades na captação de capitais produtivos e dependência de dívida externa, mesmo com aumento dos ativos externos líquidos.

Desde 2017, a estrutura do investimento estrangeiro em Angola sofreu alterações profundas, revelando fragilidades na captação de capitais e mudanças na sua composição:

- Investimento Directo Estrangeiro (IDE): caiu de 29.436 milhões USD em 2017 para 12.492 milhões USD em 2025, o que representa uma contracção de -58%. Esta redução expressiva evidencia uma forte quebra da atractividade da economia angolana para investimento produtivo de longo prazo, com maior expressão para a actividade petrolífera.
- Empréstimos externos: mantêm-se como o componente dominante do passivo, passando de 48.013 milhões USD para 51.604 milhões USD (+7%), sinalizando maior dependência de dívida externa.
- Direitos especiais de saque: registam um crescimento de 1,35 mil milhões, 243%, sobretudo devido ao aumento extraordinário de cerca de mil milhões por parte do FMI no rescaldo da pandemia.
- Moeda e depósitos: registaram uma queda acentuada de 2.355 milhões USD para 387 milhões USD (-84%), refletindo a perda de confiança total dos investidores estrangeiros em manter liquidez no sistema bancário nacional.
- Créditos comerciais e adiantamentos: passaram de 894 milhões USD para 4.459 milhões USD (+399%), o que traduz um aumento significativo do crédito de fornecedores externos, associado ao alargamento de prazos de pagamento.
- O total de investimento estrangeiro em Angola recuou de 81.508 milhões USD em 2017 para 70.430 milhões USD em 2025 (1.º Semestre), o que representa uma redução acumulada de -14% (menos 11.078 milhões USD).

Reservas Internacionais

Entre 2022 e o 2.º trimestre de 2025, as Reservas Internacionais oscilaram entre 13,6 e 15,8 mil milhões de dólares, com tendência de recuperação a partir do 2.º semestre de 2023. No final de 2024, atingiram 15,8 mil milhões de dólares, estabilizando em torno de 15,8–15,7 mil milhões até ao 2.º trimestre de 2025.

A cobertura das importações variou entre 5 e 9 meses, mantendo-se relativamente estável na faixa de 7,7 a 8,8 meses após a redução inicial em 2022, associada ao aumento das importações no período eleitoral.

Luanda, 17 de Outubro de 2025